

Projeto: Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória

Instituição responsável: Nota Musical Comunicação

www.quilombosdojequitinhonha.com.br

Entrevistado: Maurício Aparecido Costa

Município de Chapada do Norte, Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais

Outubro, 2014

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte, conforme segue, e que não seja para venda ou qualquer fim comercial:

FOGAÇA, Sérgio; SYDOW, Evanize. *A festa de 192 anos – Entrevista de Maurício Aparecido Costa. Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória*. São Paulo, Nota Musical Comunicação, 2017

A festa de 192 anos

A determinação de manter intactas as tradições da festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, de Chapada do Norte, por 192 anos, rendeu ao município honra imensurável: o registro da festa como Patrimônio Imaterial e Cultural do Estado de Minas Gerais, concedido pelo IEPHA em maio de 2013. Ganha ainda mais relevância quando lembramos que o Estado possui 853 municípios, quase todos eles com suas festas e celebrações, sendo Chapada do Norte o único a receber tal honraria. Segundo Maurício Costa, secretário de cultura da cidade e presidente da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, esse mérito deve-se a todos os antepassados da cidade, que preservaram com bravura tais tradições por tanto tempo.

Primeiro, por favor, conta para gente um pouco sobre a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário aqui de Chapada do Norte. Quando ela foi fundada, qual o objetivo de criação da Irmandade?

No início, lá pelos anos de 1700, 1800, no Brasil e aqui nessa região, havia muitas festas com características europeias. Acho que os brancos se sentiam mais à vontade. Segundo estudamos, teve um longo período em que os negros se sentiam meio excluídos da igreja, além de ter algumas agremiações de brancos. Aqui em Chapada do Norte teve a conferência do Divino, agremiações religiosas que tinham em sua maioria pessoas brancas.

A imagem de Nossa Senhora do Rosário foi encontrada numa gruta, na época, por brancos. Segundo a história, essa imagem foi trazida para dentro da rua, do perímetro urbano, mas, misteriosamente, ela voltou para o mesmo local. Depois, tornaram a trazer de volta, e novamente ela voltou para o mesmo local. Traziam aqui para dentro da rua e ela voltava para a gruta, lá no Largo do Rosário. Num certo momento, os negros da época se reuniram e foram lá buscar com batuques, tambores, o que hoje é representado na “buscada da santa”. Trouxeram a imagem, colocaram onde é hoje a capela da igreja de Nossa Senhora do Rosário e, a partir daí, a imagem permaneceu lá. Os negros daquela época começaram a se reunir para louvar a Virgem do Rosário, fazendo

orações. Ou seja, eles encontraram um local onde eles se sentiam filhos da igreja, onde eles se sentiam à vontade.

Como é o roteiro da festa, quais são os momentos da festa, do começo até o final dela?

A gente pode dizer que a festa começa hoje, nesse dia que a gente chama de segunda-feira da posse. Porque hoje os festeiros novos que vão fazer a festa no próximo ano tomam posse, recebem a coroa dos reis velhos. Tomam posse na descida do reinado, são entregues em casa, onde servem ali um licor, uma quitanda e encerra. Já no próximo ano, logo em janeiro, fevereiro, a irmandade do Rosário, os irmãos do Rosário, já se reúnem para escolher os festeiros do outro ano, do ano seguinte. É a primeira atividade dos irmãos durante o ano, a reunião, a mesa que elege os festeiros que vão fazer a festa no próximo ano.

No domingo de Páscoa, uma nova atividade dos irmãos para retirada de esmolas. A gente se reúne na casa da rainha, no domingo de Páscoa, e convidamos todos os irmãos. Os irmãos são recebidos com um café da manhã e fazemos uma distribuição de ruas, de bairros, onde percorremos com a imagem de Nossa Senhora do Rosário. Passamos nas casas gritando: “esmola para Nossa Senhora do Rosário”. As pessoas já têm a fé de colocar uma oferta, muita gente tem a fé de beijar a santa, ou de entrar com a santa dentro dos cômodos da casa. Isso a gente faz com a rainha, é o dia de tirar esmola para a rainha, no domingo de Páscoa. Quando termina, a gente retorna para a casa da rainha e faz a contabilidade do que foi arrecadado. A rainha serve um almoço para os irmãos em agradecimento aos trabalhos daquele dia.

Isso é uma forma da rainha mostrar que, apesar de estar com a coroa, de ser a rainha naquele ano, ela se coloca no mesmo patamar dos fiéis. Como se dissesse: “eu sou rainha mas preciso mostrar que preciso da ajuda de vocês, com o apoio de todo mundo. Eu estou como rainha para organizar a festa, mas a festa é de todo mundo”. A gente repete essa mesma atividade na quinta-feira de Pentecostes, agora na casa do rei. O mesmo procedimento: chega, toma um café da manhã, distribui as ruas. Sai para a retirada de esmolas, e no final tem a confraternização com um almoço.

Durante o ano, os irmãos se reúnem algumas vezes na igreja do Rosário, dependendo das demandas. Essas reuniões acontecem normalmente aos domingos, e normalmente às

14h. Quando chega por volta de agosto, setembro, a gente se reúne para fazer a divisão de tarefas. E, finalmente, quando a festa chega, numa sexta-feira, que é o meio-dia das novenas, nós vamos para a igreja do Rosário com uma banda de música, com o rei e a rainha, além de convidar alguns irmãos para estarem presentes. Ao meio-dia a banda de música começa a tocar, na porta da igreja do Rosário, solta os fogos e descemos para a casa da rainha, onde é servido licores, quitandas. De lá nós vamos para a casa do rei, isso tudo no primeiro dia. De noite tem a primeira novena, que é sempre celebrada pela Irmandade do Rosário.

No sábado, novena, no domingo, novena, na segunda-feira, novena, e já na terça-feira começa novena e leilão, que se repete na quarta-feira. Já na quinta-feira temos a lavação da igreja pela manhã. Na quinta de tarde, a quinta-feira do angu, que é uma confraternização para aquelas pessoas que passaram o dia todo trabalhando na igreja do Rosário, fazendo a lavação. Hoje a lavação é diferente. Antigamente as pessoas iam no rio e traziam baldes de água e jogava, esfregava, essa coisa toda. Mas com o passar do tempo, a igreja começou a ter problemas, por questão de cupins e tal, então, depois da restauração, a gente mantém a lavação da igreja, mas é simbólica, porque hoje não pode mais jogar água. Mas se lava os castiçais e alguns pertences, como coroas. Isso durante toda a quinta-feira.

Às 17h, a gente desce para a casa da rainha, já com a participação dos tamborzeiros, do congado e da população que vai se juntando ali, e vai todo mundo para a casa da rainha. O padre costuma ficar aguardando para dar a benção do angu, que é servido em seguida. E logo depois do angu tem mais uma noite de novena.

Na sexta-feira é só novena e já no sábado temos, pela manhã, a buscada da santa. Nos reunimos na porta da igreja do Rosário, os tamborzeiros, congado, irmãos do Rosário, a população, e descemos para o córrego do Rosário para buscar a imagem. O padre faz ali um momento de oração, fala um pouco sobre a história e depois subimos de volta com a imagem, passa na casa da rainha, passa na casa do rei e, ao meio dia, temos que estar dentro da igreja do Rosário, porque ao meio-dia começa o meio-dia da festa. Os reis na porta da igreja do Rosário, a banda de música toca e solta fogos.

Já de noite tem a última novena, o mastro a cavalo, com a encenação entre mouros e cristãos. O capitão do mastro é um católico que normalmente é convidado ou se oferece,

como aconteceu ano passado; o atual capitão se ofereceu. Depois do mastro tem a última noite de leilão. Nesse sábado são dois leilões ao mesmo tempo, um que acontece na casa da rainha e outro que acontece na casa do rei. Geralmente a banda de música toca um pouco na casa de cada leilão.

No domingo tem o reinado, pela manhã, quando os reis, já caracterizados de rei e rainha, sobem para a igreja, com outros participantes e cortejo. Quando chegam lá tem a missa da festa, que a gente diz que é o grande momento da festa. Os nove dias de novenas são uma preparação para a missa da festa. Depois dessa missa, a gente desce para a distribuição de doces na casa do rei. Às 17 horas do domingo tem a procissão, o reinado e conclui com a coroação à virgem do Rosário. De uns dez anos para cá também está acontecendo um festival folclórico.

Vocês incluíram a participação desses grupos folclóricos há pouco tempo?

Sim, há pouco tempo, deve ter uns oito anos.

Foi uma demanda deles ou da Secretaria de Cultura?

Foi uma demanda, na época, da Secretaria de Educação, Desportos, Cultura e Lazer. O secretário da época, Adailton Rodrigues, que a gente conhece como Tim, ele e a Fabiane (Fabiane Cínara Vissotto, coordenadora da Secretaria de Cultura de Chapada do Norte) começaram a perceber a necessidade de abrir um espaço dentro da festa do Rosário para a diversidade de grupos folclóricos que tem no município. A gente já tem a participação do congado e dos tamborzeiros, e daí tiveram essa ideia muito boa de abrir esse espaço. Depois da coroação não tem nada religioso da festa acontecendo; são só os shows da parte social, que acontecem um pouco mais tarde. Por isso, de uns anos para cá tem tido essa participação dos grupos folclóricos, que agregou bastante valor e cultura para a festa. Afinal, é uma festa religiosa, mas é também uma festa cultural e folclórica.

Essa interação dos grupos culturais e quilombolas, já que Chapada do Norte é um grande quilombo, no sentido de que 90% do município tem origem nos quilombos, como vocês fazem essa integração? As comunidades, os quilombolas, eles estão o tempo todo junto com vocês ao longo desse ano todo de preparação da festa, eles participam dessa preparação?

A gente, por estar na Secretaria, tem contato com as comunidades quilombolas durante todo o ano. Tem alguns trabalhos que são feitos, como inventários, solicitação de coisas que estão precisando, instrumentos, confecção de roupas. Sobre a festa do Rosário, mais especificamente, a gente costuma falar mais perto da festa mesmo. Quando chega agosto, a gente confecciona as cartas, começa a ligar para as lideranças de cada grupo, fazer o convite, negociar com o poder público que vai buscá-los, como e em que local recebê-los. Temos contato com os grupos folclóricos durante todo o ano, mas, sobre a festa, a gente vai tendo contato de agosto para frente.

Só para concluir a trajetória da festa, você parou no domingo, quando entramos nesse assunto dos grupos folclóricos, mas ainda faltou o último dia, certo, a segunda-feira?

Exatamente. A festa se conclui na segunda-feira, que começa com o reinado. Os reis novos, até então novos, daquele ano, o rei busca a rainha, os dois buscam a rainha nova e depois o rei. Ou seja, os reis que estão fazendo a festa buscam os reis que vão fazer a festa do próximo ano, e todos subimos para a igreja do Rosário. Depois descemos para a busca do cofre, que fica guardado na casa do tesoureiro da irmandade. E, conforme a tradição, os irmãos andam a passos largos, ao som da caixa que vai à frente marcando o ritmo. Normalmente é o tesoureiro que sobe com o cofre na cabeça. Quando chega na igreja começam os trabalhos, com a apresentação dos pertences que estão no cofre, feito pelo tesoureiro.

Os trabalhos são abertos e vão de 10 horas da manhã até próximo às 18 horas, que é o recebimento de anuais, uma mensalidade hoje estipulada num mínimo de dez reais, oferta de devotos. Durante todo o dia os devotos vão à igreja do Rosário ofertar algum valor e a filiação de novos irmãos. O único dia que pode se filiar a irmandade é nessa segunda-feira, dia da posse. Então, durante o ano, quando a festa está se aproximando, as escolas aqui têm feito um trabalho bem interessante de divulgação da festa. Aí a gente aproveita esse espaço para reforçar isso, de quem quer entrar na irmandade o dia é esse. Quando são 18 horas encerram-se novamente os trabalhos, e os irmãos descem novamente com o cofre e guardam na casa do tesoureiro.

Às 19 horas tem a missa da posse, os reis do ano vigente passam a coroa para os reis que vão fazer a festa no próximo ano. Aí tem toda uma cerimônia que o padre faz, ele pega a coroa e faz a transição dos reis e a festa encerra com a descida do reinado. A

gente entrega primeiro os reis que fizeram a festa naquele ano, porque eles não são mais reis, a festa para eles acabou, não estão mais com a coroa. Então, entregamos a rainha velha, o rei velho, depois a rainha nova, que está com a coroa, e finalmente o rei novo. Andei lendo o estatuto da festa, e podemos ainda dizer que a festa acaba no sábado seguinte, porque tem a descida da bandeira. A bandeira que subiu no mastro desce e um novo mordomo pega. É o que está no estatuto, que é quando desce a bandeira que se encerra tudo que é referente a festa do atual ano.

Gostaríamos de perguntar sobre o registro da festa como patrimônio de Minas. Como foi esse processo e por que esta festa especificamente tem esse registro, e outras tantas que acontece, de Nossa Senhora do Rosário, em Minas, não têm? Porque aconteceu esse reconhecimento e a partir de quando foi?

O registro da festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Chapada do Norte como Patrimônio Imaterial e Cultural do Estado de Minas Gerais, para nós, chapadenses e irmãos do Rosário, é motivo de muito orgulho. É um reconhecimento da irmandade ter mantido as características da festa. Há alguns anos, os membros do conselho deliberativo do patrimônio cultural, os conselheiros em reunião resolveram pleitear um registro da festa como patrimônio, levando em consideração que a irmandade mantém as características da festa. Acho que aí foi o início do processo.

O prefeito da época, Eraldo Eustáquio Soares, que também é irmão do Rosário, e já fez festa, começou a intermediar com o pessoal do IEPHA esse desejo, esse anseio da irmandade em registrar a festa. Desde então, uma equipe do IEPHA passou a vir aqui assistir a festa, fotografar, entrevistar pessoas. Foi um trabalho que durou oito anos até essa conclusão. No início do ano passado a gente já foi informado que o registro ia sair e que seria aprovado. Então fomos convidados, uma equipe aqui da irmandade de Chapada, de ir para Belo Horizonte participar da cerimônia que deu o título de Patrimônio Imaterial e Cultural para a festa de Chapada do Norte.

Eu acho que o principal motivo é que a gente deve muito aos nossos antepassados que mantiveram essas características, o angu, o doce, o reinado, procissão, coroação, o mastro, a encenação dentro do mastro. Acho que esse conjunto das características que foram mantidas fez com que a gente ganhasse, tivesse o prazer de receber esse título. Minas tem 853 municípios, inúmeras festas religiosas em vários municípios, e a

primeira celebração reconhecida como patrimônio é a festa de Nossa Senhora do Rosário de Chapada. E o segundo bem imaterial. O primeiro tinha sido a forma de fazer o queijo, lá da cidade de Serro, e o segundo bem imaterial registrado foi a festa do Rosário de Chapada do Norte.

O IEPHA tem uns livros de saberes, sei que são cinco livros, e um deles é o livro das celebrações, que até então estava em branco. A primeira inscrição nesse livro é o registro da festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, de Chapada do Norte. Então devemos muito aos irmãos do Rosário que há 192 anos vêm lutando para manter viva as características da festa. Tivemos sempre a preocupação de preservar tudo. Por exemplo, hoje tem a alvorada, que é às 5 horas da madrugada, e que é uma coisa cansativa para a banda de música. Já teve momentos em que alguns irmãos chegaram a propor a retirada da alvorada, mas a maioria sempre bancou de manter a tradição.

Acho que esse é o grande motivo desse registro. Se a gente relembrar desde o primeiro dia da festa até o último, é muita coisa que acontece, dentro da mesma festa. E eu acho que isso difere a festa aqui de Chapada do Norte das outras muitas importantes que existem aqui na redondeza, nas cidades vizinhas.

Quando exatamente foi o registro do IEPHA?

O registro foi dia 8 de maio de 2013, embora tenha mais de oito anos que eles tenham trabalhado nisso.